

A Sabedoria dos vermes em uma anedota pecuniária de Machado de Assis*

Priscila Figueiredo
Mestranda em Literatura Brasileira
FFLCH-USP
Bolsita do CNPq

O verme se retrai quando é pisado. Isso indica sabedoria
Nietzsche, *Crepúsculo dos Ídolos*

Cada um tem seu ponto de vista, de onde quer ser visto
La Rochefoucauld, *Máximas*

Em “O lapso”, de *Histórias sem data*¹, é contado o caso de um homem abastado, Tomé Gonçalves, talvez vereador da Câmara (o narrador não sabe ao certo porque provavelmente ouviu falar do acontecimento que ora narra no século XIX e que se deu em 1768, no Rio de Janeiro), cidadão ímpoluto e plácido, “irmão-remido” de muitas irmandades e que, no entanto, vai acumulando na província dezenas de credores, aos quais não paga há anos. O conto se inicia referindo-se a um Dr. Jeremias Halma, que aportara no Rio precisamente em 1768, quiçá por intermédio do Conde de Azambuja, o então governador, e de cuja história pregressa não se tem notícia. O que o narrador afirma de fato é que “era médico e holandês. Viajara muito, sabia toda a química do tempo, e mais alguma; falava correntemente cinco ou seis línguas vivas e duas mortas. Era tão universal e inventivo que dotou a poesia malaia

* Trabalho de aproveitamento do curso sobre Machado de Assis ministrado pelo Prof. Alcides Villaça em 1996.

¹ Machado de Assis, *Obras completas*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, v. II, p. 374-80.

² *Id. ibid.*, p.375.



A Sabedoria dos vermes em uma anedota pecuniária de Machado de Assis

com a alta filiação dada à matéria de sua história, animada, como nos é esclarecido, pelo tom da gravidade, homólogo, parece, à postura e ao caráter do fintador. O que está sendo dito é que velhacaria e desleixo não explicam os calotes porque, na intenção de separação dos estilos, são da ordem do cotidiano, do pitoresco, servindo mais para uma comédia de costumes, balizado no *piccolo mondo* e na gente comum. Indica leitura deficiente quem supõe que o narrador se daria ao trabalho de trazer sob sua pena assuntos corriqueiros, para os quais só mesmo um estilo baixo se reserva. O seu caso, ao contrário, é “singular ocorrência”, eleita, na série das novelas exemplares que a tradição oral consagra, porque concorde com o estilo alto do sujeito que nos está a falar. Ora, um narrador que quer se projetar acima da obscuridade, da sensorialidade dos fatos mezinhos que compõe a vida da arraia miúda, só pode colher e glosar histórias com mais metafísica que física, ou, se não é insistir muito neste comentário, acho que não é forçar a nota dizer, parafraseando Antônio Cândido⁵, que aqui a anormalidade psíquica sobrepuja, enquanto matéria narrável, a anormalidade social. O lapso de memória, diagnóstico do sábio holandês, de que sofre Tomé, levando a que lhe desaparecesse a idéia de “pagar” e seus correlatos, é mote digno de nosso *Erzähler*. Mas ainda estamos no terreiro das aparências (ou da ingenuidade fingida?), onde um lapso não encobre ou desfigura nada, onde o acidental ainda não se mesclou ao intencional e quer reinar sem manchas. O exame do conto mostra que a anormalidade em jogo é social, sim, e o esquecimento é modulação das formas ‘sereníssimas’, tão comuns em Machado, de que costuma se travestir a desfaçatez de classe. Antes que comece propriamente a narrativa, obtemos, com a digressão, quatro informações importantes: a sabedoria de Jeremias, que o aproxima de um profeta; a correção inexpugnável de Tomé, que a tradição corrobora; o estilo alto do narrador. Esses três elementos são quase hiperbolizados, de modo a chocar com o quarto, os calotes, assunto rasteiro. A exageração das qualidades do médico, que, sob o diapasão do deslumbramento e de alguma xenofilia,

⁵ Cf. “Esquema de Machado de Assis” *Vários escritos*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, p.23.

⁶ “lembre-se que o doutor é estrangeiro, e que nas terras estrangeiras sabem cousas que nunca lembrara ao diabo”, diz o parvo Mata-sapateiro em certa altura da história (Machado de Assis, *op. cit.*, p. 377).

é assim fetichizado e infundido de autoridade⁶ (até certo ponto, como esperamos mostrar), só faz equipará-lo ao homem público moralmente irrepreensível e rico Tomé Gonçalves.

Engata-se a história com o foco no caloteiro, que, trajando o hábito de uma irmandade, desce, em procissão, a rua do Hospício (!) “com a placidez de um homem que não faz mal a ninguém” Apontam nas ruas muitos de seus credores, paralisados com o aprumo tranqüilo do homem; mas no Beco das Cancelas dois sujeitos perguntam um ao outro se não devem recorrer à justiça. O cabeleireiro manifesta não ter ainda cobrado ao Tomé a dívida porque a mulher o admoestara de que não seria bom brigar com gente tão importante. Estão assim confabulando quando ouvem atrás de si uma voz que lhes repreende o conjurarem contra um homem doente e “Voltaram-se, e, dando com o Dr. Jeremias, desbarretaram-se os dois credores, tomados de profunda veneração...” Esclarecendo que a doença não é física e diante da confusão de seus interlocutores, confessa tratar-se de “negócios altamente especulativos, que não podia dizer ali, na rua, nem sabia mesmo se eles chegariam a entendê-lo. Se eu tiver de pentear uma cabeleira ou talhar um calção – acrescentou para os não afligir – é provável que não alcance as regras dos seus ofícios tão úteis, tão necessários ao Estado... Eh! eh! eh!” Com rodeios, o discurso do médico nimba a si mesmo e ao Tomé e, de quebra, desqualifica as atividades miúdas dos outros, aos quais receia jogar “pérolas”, porque não iniciados em seu saber, assim como (e a comparação vem carregada de cinismo) ele próprio não é industriado em seus ofícios. No entanto a aura que ele e o provincianismo dos demais alimentam, parecendo, a princípio, elevá-lo acima da estreiteza da atividade produtiva não inventiva e não relevante, se descobrirá, ao final do conto, como ilusória. Pobre Jeremias! Esquecera que os últimos serão os primeiros, ou que, sinal dos tempos, os últimos e os primeiros são farinha do mesmo saco.

Apesar do que dissera o holandês, o alfaiate e o cabeleireiro mantêm-se firmes em seu propósito de ir ter com o devedor: “pague-se e cure-se” é seu adágio, pragmático e arredo ao marasmo em que atolam os encolhidos comerciantes. O Mata-sapateiro, “que vivia desesperado”, acha por bem, ao contrário do que se esperaria dele, ponderar as palavras do estrangeiro e descortinar-lhes a “razão secreta”. Armam então um ‘conciliábulo’ (assim o narrador designa essa assembléia de cidadãos tão acanhados!) para

A Sabedoria dos vermes em uma anedota pecuniária de Machado de Assis

discutir qual a melhor decisão a ser tomada e que tem lugar no Rocio, “em casa de uma D. Aninha (...) a pretexto de um batizado” Para lá vão cerca de quarenta homens, enfiados em capotes e munidos de lanterna, o que conferia à reunião “um rasgo pinturesco e teatral” Comenta o narrador que “a teoria de Charles Lamb acerca da divisão do gênero humano em duas grandes raças, é posterior ao conciliábulo do Rocio; mas nenhum outro exemplo a demonstraria melhor”, desferindo um daqueles acordes de mesquinharía e absoluto de que fala Roberto Schwarz, “um uso esdrúxulo da inteligência e da abstração, enfaticamente da mesma ordem veleitária das anedotas que glosa e pretende transcender”⁷ Tal paralelismo, penoso, com pretensão de universal, entre o autor inglês e o parlatório na casa de D. Aninha impregna a expressão, que tem ares de bilhete rococó iluminista⁸. A história que se quis grave encosta no risível, vazando numa linguagem alambicada, com cotejos esplêndidos (o lapso de Tomé chega a ser comparado com o abismo de Pascal, no qual se afundam os credores!), mas cujo timbre arcaizante e ‘fino’ não deixa de ser pitoresco.

Contudo, no engenho machadiano, a gravidade desajeitada, temperada com diapasões diferentes, resultando em sincretismo cômico, comunica matéria grave mesmo. Como sabemos, via Charles Lamb, o mundo se divide entre os homens que emprestam, acabando por inculcar tristeza no gesto, e os homens que pedem emprestado, com suas maneiras rasgadas e bonachãs. Enquanto se dava o conventículo, Tomé “regalava alguns amigos com os vinhos e as galinhas que comprara fiado”. O primeiro tipo, ulceroso, carcomido pelas despesas e os sapos que engole mas sempre afeito a negociações, encarna quase a totalidade dos credores, “servos do medo e da esperança”, que, supomos, poderiam multiplicar-se *ad infinitum*, abarrotando a província, vibrando-a com o ruído surdo de sua aflição, inaudível ao opulento devedor (aqui, quem deve não teme). Paira nesse conto algo do clima da história infantil sobre o rei que, enganado por seu alfaiate, aparece nu diante de seus súditos, tão certo de estar vestido, que os outros se convencem do mesmo. É uma criança quem introduz a nota dissonante e estrepitosa nessa falsa harmonia

⁷ Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*, 2ª ed., São Paulo, Duas Cidades, 1991, p.189.

⁸ Expressão de Leo Spitzer, cit. por Erich Auerbach, “A ceia interrompida”, *Mimesis*, 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 369.

quando grita, no meio da multidão: “Olha, mãe, o rei está nu!” De maneira análoga, a aparência sereníssima de Tomé embota o desespero dos credores, que se aparvoecem a cada dia. A desinibição de um produz o congelamento (*‘Erstarrung’*) de outros, que apenas esperam. Nessa espera, não se ameaça a relação vista como vantajosa. Se agirem, bem pode lhes acontecer de não só perderem o dinheiro como as boas graças, bilhete de ingresso para aqueles cuja situação socioeconômica pende ora para a precariedade, ora para a solidez, donde sua ideologia, que, não sendo propriamente conservadora, consiste em mera reação de defesa contra valores hostis a sua sobrevivência⁹ “Foi natural que o emaranhado singular de humilhação e esperanças se tornasse matéria central no romance brasileiro (...) O leque dos destinos disponíveis, de amplitude vertiginosa e catastrófica para a parte pobre, é, para a parte proprietária, o campo das opções oferecidas ao exercício do capricho (...)”, comenta Schwarz no capítulo “A sorte dos pobres”¹⁰. Ao capricho do outro lado corresponde a sabedoria do verme do lado de cá. O Mata-sapateiro, o mais agoniado, vem a ser paradoxalmente o mais diplomático e razoável, persuadindo, com destreza, Jeremias a aplicar sua panacéia, que já curara males afins em outros cantos do mundo, no inadimplente. Se investigado um pouco mais o desespero do comedido artesão, é possível imaginar que ele teria sido, entre os fiadores, um dos mais pródigos, o que maior soma emprestara. A subserviência, prestimosa, do passado converte-se em angústia, logo processada em diplomacia, a qual mimetiza a placidez do devedor.

Em um texto afiadíssimo de Adorno e Horkheimer intitulado “Gênese da burrice”¹¹, lemos: “O símbolo da inteligência é a antena do caracol ‘com a visão tateante’ graças à qual, a acreditar em Mefistófeles, ele é também capaz de cheirar. Diante de um obstáculo, a antena é imediatamente retirada para o abrigo protetor do corpo (...) O sentido do caracol depende do músculo, e os músculos ficam frouxos quando se prejudica seu funcionamento. O corpo é paralisado pelo ferimento físico, o espírito pelo medo (...) A burrice é uma cicatriz”, indício de inibições

⁹ Verbetes “classe média” *Dicionário de ciências sociais*, Rio de Janeiro, FGV, 1986.

¹⁰ Schwarz, *op. cit.*, p.84.

¹¹ T. Adorno & M. Horkheimer, “Notas e esboços”, *Dialética do esclarecimento*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991, p.239.

A Sabedoria dos vermes em uma anedota pecuniária de Machado de Assis

passadas. O abismo dos atos falhos de Tomé se alarga à proporção do retraimento das antenas. Digamos, então, freudianamente, que o lapso de memória, motivo central no enredo, constitui, por assim dizer, um signo, do qual o olvido é a superfície encobridora, tanto maior quanto o é o reprimido, camada latente. Esse signo alegorizaria, por sua vez, o mecanismo de espoliação, de desfiguração da espontaneidade nas relações entre classes, que, como sabemos, assumiu características peculiares no Brasil. Do buraco negro cavado nesse processo ninguém escapa. Nem mesmo o doutor Jeremias, que após ministrar um longo tratamento psiquiátrico ao Tomé, à base de remédio e estímulos sucessivos, consegue que este, restabelecido, pague todas as suas dívidas. A cura, porém, não é completa: não ocorre ao paciente recompensar os honorários do médico, e os ex-credores, por seu turno, “ainda quando pudesse passar-lhes pela cabeça a idéia de ir lembrar a dívida, não chegariam a fazê-lo, porque a supunham paga antes de todas” Para apaziguarem a consciência, racionalizam apoiando-se em rifões como “A boa justiça começa por casa”, “Mateus, primeiro os teus” O caso do sábio reata, desse modo, o círculo maldito em que uma das partes deve ser anatematizada, em que alguém deve herdar a dívida. A história persiste, mas com um rearranjo das peças. Tal como o Jeremias bíblico, o nosso também é perseguido e, sob certo aspecto, posto em cativeiro. A modéstia e a bondade que o exaltavam no início agora o rebaixam. Petrificado, também servo do medo, não cobra o que lhe é de direito, enroscando-se na velha rede de constrangimentos, logo ele que, ocupado com “seus negócios altamente especulativos”, imaginara-se afastado das pequenas tramas. Sua aura dissolve-se na série de compensações e frustrações dessa anedota pecuniária, em que o dinheiro corre como ouro maldito. Morre em 1798. À grandiloquência do que diz o ex-sapateiro “Adeus, grande homem!” contrapõem-se as últimas palavras de um outro, anônimo: “Grande homem, mas pobre-diabo” Nessa comédia imperfeita, em que o paraíso não é restabelecido integralmente, a melancolia faz um discreto baixo contínuo. O Holandês voador que aqui aportara morre como um coitado.